

Os determinantes: o caso específico das expressões idiomáticas

GUILHERMINA JORGE

(Departamento de Linguística Geral e Românica (FLUL))

«Quand une fois on a goûté du suc des mots, l'esprit ne peut plus s'en passer. On y boit la pensée.» (J. Joubert)

Introdução

1. Algumas considerações sobre o determinante

Os determinantes são símbolos expressivos que integram os SN, situando-se sempre à esquerda do nome, e que transportam uma pequena parte do conteúdo nocional dos próprios nomes.

Vários autores (Kleiber, Karolak, Wilmet) falam do caos¹ aparente que rege os determinantes, não enquanto formas semânticas universais, mas enquanto formas específicas de uma língua natural. Quando integrados no discurso, estes símbolos desafiam as regras gerais e universais, e preenchem outros requisitos nas relações que estabelecem com os outros elementos do discurso. As noções de definido e indefinido (quanto ao artigo) apenas funcionam enquanto generalizações, mas deixam de ter validade operatória de diferenciação no seio da enunciação².

São, pois, as relações entre proposições e as suas representações superficiais que constituem o objecto principal a ter em conta na descrição do determinante. O uso de um determinado artigo num determinado contexto depende das relações entre as proposições

e da hierarquia dos SN, e são essas relações que auferem ao determinante o seu valor definido ou indefinido.

Assim, o funcionamento do determinante e a construção dos seus valores são condicionados pelo sentido global do SN, cuja determinação antecede e elabora as regras de ligação pressupostas pelo determinante³.

A descrição da estrutura superficial explícita não satisfaz e limita os valores incientes a esses elementos, é preciso ter em conta o que pode estar implícito e o que cria a distância entre as exigências combinatórias semânticas e a sua actualização, sendo esta fruto da interacção de vários factores (ligados ao contexto).

A escolha do determinante não corresponde a uma escolha livre, mas faz-se em função do contexto predicativo dominante, e é esse contexto que condiciona a leitura (completa ou incompleta; determinada ou indeterminada; definida ou indefinida) do SN. Isto é, se o nominal é determinado selecciona um determinante com valor definido, se o nominal é indeterminado selecciona um determinante com valor indefinido.

Sendo assim, o aspecto intensional⁴ deve dominar todas as considerações sobre o determinante e seria este aspecto que determinaria as regras do seu funcionamento.

2. Os determinantes e as partes do corpo

Grevisse⁵ resume assim a relação entre o uso do possessivo e do artigo: "En général, on remplace le déterminant possessif par l'article défini quand le rapport de possession est assez nettement marqué par le contexte, notamment devant les noms désignant les parties du corps (...)". Como o sugerem os seguintes exemplos:

Il ferme les yeux
J'ai mal à la tête
Il a le pied dans l'étrier
il perd la mémoire

No entanto, o possessivo aparece sempre que haja ambiguidade, e o mesmo acontece nas duas línguas.

Celso Cunha e Lindley Cintra⁶ falam de um mesmo funcionamento do possessivo em português. Assim, com as partes do corpo, o possessivo seria substituído pelo artigo, como sugerem os seguintes exemplos:

Fechou os olhos
Dói-me a cabeça
Partiu o nariz

As considerações acima expostas são válidas para uma língua específica não idiomática (as frases livres, segundo Gross). Mas como se processa o seu uso na língua idiomática, nas expressões idiomáticas?

3. Algumas considerações sobre as expressões idiomáticas

Partiremos de uma definição abrangente - a expressão idiomática (EI) é um signo polilexical, uma unidade sintáctica, lexicológica e semântica. O seu significado não pode ser calculado pelos significados das palavras contidas na expressão e apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais. As particularidades da EI abrangem dois vectores: a forma (um grupo de palavras) e o conteúdo (o sentido idiomático).

Existe muita literatura neste domínio. Vários autores interrogaram-se sobre a especificidade deste tipo de construções (cf. Fraser 1970, Gross 1982, Curat 1982, Greciano 1983, entre muitos outros) e demonstraram a proximidade sintáctica com as construções não idiomáticas (cf. Gross 1982). Para além das áreas da sintaxe, da semântica e da lexicografia, também a psicolinguística tem desenvolvido investigação neste campo - representação e armazenamento das EIs no léxico mental (cf. Swinney e Cutler 1979 e Gibbs e Gonzales 1985) e aponta para uma representação uniformizada com as outras palavras da língua. Constatamos, pois, que a investigação dos últimos 20 anos sugere o estudo da idiomatidade da língua como uma componente a ter em conta na descrição de uma língua natural, e não como as construções desviantes ou arcaicas (cf. Guiraud 1961) que a Gramática tradicional ilustrava.

Esta reflexão inscreve-se num quadro mais geral de um trabalho de investigação⁷ sobre as noções de lexicalização e idiomatidade tendo em vista a construção de um modelo teórico para um dicionário bilingue de expressões idiomáticas (português/francês). A análise aqui proposta não pretende ser exaustiva, mas levantar algumas problemáticas em torno da idiomatidade.

Ilustraremos sob forma de perguntas as hipóteses subjacentes a este trabalho:

- O funcionamento do determinante nas EIs será idêntico às construções não idiomáticas (livres)?
- Será que o determinante nas EIs está completamente lexicalizado?
- Será que os determinantes mantêm os mesmos valores semânticos ou será que houve perda dos valores semânticos?

Corpus de análise: *da cabeça aos pés / des pieds à la tête*

Seleccionámos, para esta reflexão, um conjunto temático de expressões - expressões idiomáticas em que um dos constituintes é uma parte do corpo. O corpo constitui, no

interior da idiomaticidade, um campo rico em sinónimos, em metáforas e representa um bom exemplo do microcosmo da língua.

Esta escolha levanta alguns problemas. Seleccionar um lexema é torná-lo autónomo no interior do todo que constrói a expressão. Ora, os lexemas neste tipo de construções não são autónomos. Esta opção banaliza a expressão enquanto expressão idiomática, na medida em que a idiomaticidade anula o valor referencial dos constituintes em função de outro significante.

A delimitação temática do corpus deve-se fundamentalmente à perspectiva de comparação de línguas, isto é, encontrar um corpus pertinente para o estudo do determinante na perspectiva interlínguas (português/francês). Assim, ser-nos-á possível, dispondo já de alguma informação⁸ sobre o funcionamento do determinante em relação às partes do corpo na língua não idiomática, validar, de maneira mais eficaz e produtiva, as hipóteses que irão surgir com a análise dos determinantes (directamente ligados às partes do corpo) na língua idiomática. Por exemplo, como explicar uma percentagem significativa para o francês do uso do possessivo em relação às partes do corpo nas EIs em comparação com o português que oferece raros exemplos de possessivos? Avançaremos, posteriormente, com a comprovação da nossa hipótese, mas intuitivamente podemos dizer que o mesmo sucede nas frases não idiomáticas.

O corpus é constituído por cerca de 300 expressões para cada língua, o que não representa um conjunto exaustivo das expressões ligadas ao corpo humano⁹.

Os determinantes

1. Idiomaticidade e substituição de determinantes

- a) *atirar areia para os olhos* / *atirar [alguma/muita] areia para [uns] olhos
jeter de la poussière aux yeux / *jeter [un peu/beaucoup] de poussière à [des] yeux
- b) *comer com os olhos* / *comer com uns olhos
manger des yeux / *manger de ses yeux
- c) *ter a pulga no ouvido* / *ter [uma] pulga [num] ouvido
avoir la puce à l'oreille / *avoir [une] puce à [une] oreille

A substituição dentro do paradigma dos determinantes acarreta, a maior parte das vezes, a perda do sentido idiomático em proveito do sentido literal. A expressão perde a sua lexicalização e ganha a autonomia dos seus constituintes. Nos exemplos a) e b) a substituição do definido levanta problemas pelo valor ontológico do próprio substantivo (olhos) - a) *os olhos* de alguém e em b) *os olhos*, isto é os seus dois olhos. E isto impossibilita a substituição e a própria literalidade. Em b) a impossibilidade prende-se também com o tipo de verbo e o tipo de complemento seleccionado na língua não

idiomática (comer - transitivo; comer - instrumental). Em c) tanto a expressão como a substituição poderão ter um sentido literal no caso do português.

d) *ser o braço direito de alguém* / **ser um braço direito de alguém*¹⁰

être le bras droit de qqn / **être un bras droit de qqn*

Neste exemplo, a literalidade não é possível na substituição, tornando o enunciado inaceitável. A existência dos adjectivos *direito/droit* particulariza o valor do determinante. A substituição do definido pelo possessivo *seu/son* manteria o valor idiomático da expressão.

e) *baixar os braços* / *baisser les bras*

O definido plural refere-se aos dois braços (anatomia humana) - enquanto valor genérico. O uso do singular - *baixar o braço* / *baisser le bras* - transformaria os enunciados em frases livres, sem valor idiomático.

É de notar que as EIs apresentam vários graus de lexicalização em relação aos determinantes. A perda do valor ontológico das EIs é aqui parcialmente posta em causa pelo funcionamento dos determinantes, que apresentam esses mesmos valores ontológicos. Pelo menos em alguns casos, o uso do determinante com uma parte do corpo remete para uma realidade ontológica - a realidade da anatomia humana. Assim, acentua-se um funcionamento não desviante dos determinantes.

2. Ausência de determinante e determinante zero

dar Ø voltas ao miolo / *defender-se com Ø unhas e Ø dentes*

faire Ø peau neuve / *être Ø pieds et Ø poings liés*

A omissão do determinante¹¹ realça um funcionamento diferenciado das duas línguas. O uso do partitivo em francês (com nomes não contáveis) é substituído em português pelo determinante zero. As EIs¹² ilustram este mesmo fenómeno:

atirar Ø areia para os olhos / *jeter de la poussière aux yeux*

Por outro lado, substantivos contáveis são usados como substantivos não contáveis:

fazer Ø olhinhos / *faire de l'oeil*

ter Ø cabeça / *avoir de la tête*

A omissão do artigo (determinante zero) aparece nas duas línguas em casos de enumeração, tal como acontece em construções livres:

defender-se com Ø unhas e Ø dentes
être Ø pieds et Ø poings liés

O determinante zero¹³ também aparece em português quando o SN apresenta um valor indefinido (singular ou plural), mas estes exemplos não correspondem a partes do corpo:

ter minhocas na cabeça (avoir une araignée dans le cerveau)
ter asas nos pés (prendre ses jambes à son cou)
ter ovos debaixo do braço (avoir les bras à la retourne)
ser cabeça de vento (avoir une tête sans cervelle)

O valor definido também está presente na omissão do artigo. Este valor é sentido no uso do singular ou do plural em relação às partes do corpo:

não ter Ø pés nem Ø cabeça / n'avoir ni Ø queue ni Ø tête
não ter Ø unhas
não ter Ø cara
não ter Ø mãos a medir

O valor definido aparece também no exemplo seguinte:

ter Ø mãos de fada

O exemplo francês - *avoir des doigts de fée* - levanta alguns problemas em relação ao uso do artigo indefinido - *des*, que corresponde não a alguns dedos mas aos dedos da mão (valor definido).

Os exemplos acima referidos apresentam o artigo zero e são descritos pela gramática como usos das duas línguas. Não correspondem pois a exceções ou usos agramaticais, mas inscrevem-se na sintaxe da língua e contribuem para um conhecimento mais profundo da idiomaticidade e da língua em geral.

Esta observação vai contra a posição de P. Guiraud (1961, p. 43) que afirmava que "l'absence d'article est le signe du caractère archaïque d'une expression, de sa valeur abstraite et souvent métaphorique; d'où sa fréquence dans les locutions". Os casos de ausência de artigo (no corpus seleccionado) são raros, predomina o artigo zero, mas, como já referimos, este mantém o mesmo funcionamento da língua não idiomática e não corresponde a uma especificidade das EIs. Por outro lado, a omissão do artigo não corresponde a um "reflet d'abstraction" mas ilustra outros valores. Estas constatações vão ao encontro de uma relativa homogeneidade quanto ao funcionamento do determinante nas EIs, comparativamente às línguas naturais.

G. Gross (1989) constata que em 3500 substantivos estudados, só 8 eram precedidos do artigo zero. Segundo o autor, este fenómeno seria de uma importância menor, tanto nas construções livres como nas construções fixas.

3. Artigos definido e indefinido

A determinação pelo artigo definido ocorre frequentemente nas EIs. O uso das EIs no discurso estabelece entre locutor e interlocutor uma certa convicção e valores partilhados. Correspondem a "pedaços" de discurso que os intervenientes reconhecem. Estas propriedades permitem a este discurso constituir um "precioso" auxiliar do discurso publicitário. Apresentam pressuposições não contestáveis, facilitam a argumentação e constituem uma parcela da cultura do povo. Os determinantes, definidos ou indefinidos, não conseguem destruir estes valores intrínsecos às próprias EIs.

Curat (1982)¹⁴ atribui aos artigos definidos e indefinidos as propriedades seguintes: "Le déterminant a pour fonction de permettre au substantif, recouvrant un signifié lexical abstrait, de nommer en discours un référent précis, une expérience particulière" e "L'article, comme déterminant, représente en discours les individus réels ou imaginaires dont est effectivement dit le substantif; représentant dans le discours le référent du substantif. L'article un indifférencie les individus dont parle le substantif tandis que l'article le différencie l'ensemble formé par ces individus d'autres ensembles."

Kleiber (1989)¹⁵ reconhece ao artigo definido uma identificação e uma actualização dos nomes que antecede e ao artigo indefinido uma simples actualização. Nas EIs, as descrições indefinidas não têm a possibilidade de renunciar ao seu valor denotativo e existencial pois perderam-no definitivamente.

Já referimos que existem vários graus de lexicalização do determinante nas EIs. Os artigos definidos e indefinidos apresentam um forte grau de lexicalização na sua relação com o nominal referente ao corpo, determinando, assim, os seus valores metafóricos genéricos, universais. O valor genérico decorre desse sentido metafórico, do aspecto semântico e não da organização sintáctica. É a função predicativa de um sujeito, de uma situação, de um objecto que é ilustrada pela EIs.

A hipótese que formulamos é que a lexicalização do artigo no interior de um SN não pressupõe a lexicalização do valor do artigo, isto é, o artigo parece preservar alguns dos seus valores semânticos e o seu funcionamento num SN idiomático não difere do de um SN livre. Contudo, nas EIs nem todos os seus valores são actualizados. A simples denotação e a referencialidade são incompatíveis com o discurso idiomático.

A determinação pelo artigo indefinido singular, tendo como plural *uns/des*, parece não se realizar nas EIs. O artigo *um/un* perde o seu valor indefinido, para realçar o seu valor primeiro (um único), valor de quantificador, de numeral, de unicidade (do latim *unus*). Este fenómeno é comum às duas línguas. O artigo indefinido singular, com valor individualizante ou genérico, não se encontra nas EIs seleccionadas.

Analisemos alguns exemplos:

ter um calcanhar de Aquiles / avoir un talon d'Achiles

Para o português:

*não mexer um dedo
passar por uma unha negra
fazer uma perninha*

Para o francês:

*arriver comme un cheveu dans la soupe
avoir un coeur d'amadou*

O artigo *um/un* remete para a unidade, o numeral. Submetendo estas expressões ao teste do plural, verificamos que o plural corresponde a um outro numeral.

O valor indefinido está presente nas EIs francesas no artigo indefinido *des*:

se faire des cheveux blancs

Em português esse valor indefinido aparece com a omissão do determinante¹⁶, como já pudemos verificar:

*fazer Ø cabelos brancos a alguém
fazer Ø olhinhos*

O valor particularizante encontra sérios obstáculos no seio da idiomaticidade.

O artigo definido ocupa um lugar importante no corpus seleccionado. Da observação do comportamento do artigo definido nas EIs, quando ligado às partes do corpo, destacamos que o valor genérico das expressões descontextualizadas perde-se parcialmente na actualização discursiva das EIs. A referência às partes de um todo (as partes do corpo) faz perder ao artigo o seu valor generalizante. Este mesmo comportamento¹⁷ encontra-se nas duas línguas.

*O Pedro abriu os olhos à Maria / Pierre a ouvert les yeux à Marie
Pedro bateu com o nariz na porta / Pierre s'est cassé le nez à la porte
Esta casa custou os olhos da cara / Cette maison a coûté les yeux de la tête
Pedro meteu o pé na argola / Pierre a mis les pieds dans le plat
Maria está com as mãos na massa / Marie a mis les mains à la pâte*

Se bem que os lexemas das partes do corpo não tenham os seus valores referenciais actualizados, foram estes lexemas que permitiram a elaboração da metáfora subjacente. O processo de recepção passa da literalidade à figuração. É a figuração que se impõe, os elementos não têm autonomia enquanto elementos individuais e perdem o valor literal em proveito de um sentido global e não composicional.

No entanto, quando dizemos: *O Pedro abriu os olhos da Maria*, parece-nos que o valor do determinante *os* é individualizante e particularizante, isto é - *os olhos da Maria* - *os seus olhos*. A possibilidade da substituição pelo possessivo atesta esta hipótese. O mesmo acontece com os outros exemplos das duas línguas.

4. Os quantificadores: indefinido e numeral

Os exemplos do artigo *um/un*, como já referimos, pressupõem a unicidade e encontram-se, sendo assim, ligados aos quantificadores. Os exemplos de quantificadores indefinidos, ligados às partes do corpo, não aparecem neste corpus. Quanto ao quantificador numeral, o valor simbólico do quantificador impõe-se, como o sugerem os seguintes exemplos:

Para o português:

correr a sete pés
dar dois dedos de conversa
fugir a sete pés
ser um bicho de sete cabeças

Para o francês:

avoir les deux doigts de pied en éventail
avoir les quatre pieds blancs
dormir sur ses deux oreilles
ne pas faire oeuvre de ses dix doigts

Os dois últimos exemplos do francês mantêm o referente do corpo - *deux oreilles* e *dix doigts*, o que não acontece nos outros exemplos.

Greciano (1983)¹⁸ propõe alguns dados sobre a simbologia dos números: 1 - harmonia, perfeição; 2 - divisão, tragédia, pecado; 3 - idealização, virtude, o indivisível; 7 e 12 - símbolo de conjunto, de perfeição; 9 - imperfeição, acaso, a sorte ou a má sorte. O numeral *um/un* é o mais frequente nas expressões.

5. Os possessivos

O uso do possessivo é mais frequente em francês do que em português e isto corresponde à especificidade de cada uma das línguas e ao uso do possessivo na língua natural e ao seu uso com as partes do corpo.

A ideia de posse, inerente ao adjectivo possessivo, realça a lexicalização da expressão e a sua relação ao sujeito. As EIs com um adjectivo possessivo implicam uma conexão directa com o sujeito humano (locutor ou interlocutor).

Vejamos alguns exemplos:

achar a forma do seu pé
fazer o seu pé de meia
ser senhor do seu nariz

mettre sa main au feu
prendre la lune avec ses dents
ouvrir son coeur
prendre ses jambes à son cou
tenir sa langue
vendre son âme au diable

Como é óbvio, o possessivo actualiza-se morfologicamente, e a expressão mantém o seu sentido idiomático.

Pierre donne sa langue au chat
Pierre et Marie donnent leurs langues au chat
Je donne ma langue au chat

Os determinantes: dados comparativos e estatísticos

O comportamento dos determinantes nas EIs não se afasta do comportamento da língua natural. As especificidades que caracterizam a língua portuguesa e a língua francesa reencontram-se na descrição dos determinantes das expressões idiomáticas. Isto corrobora a ideia adiantada por vários investigadores contemporâneos que as EIs ilustram as regras, pelo menos sintácticas, das frases livres¹⁹.

Assim, a ausência de determinante e o determinante zero apresentam uma percentagem bem mais significativa em português do que em francês (respectivamente, 31% e 10%). O determinante zero cobre em português valores que em francês são preenchidos por outros determinantes, como o partitivo.

O artigo definido, e isso correspondeu à nossa intuição linguística, aparece nas duas línguas com muita frequência (74% para o português e 72% para o francês). Estes resultados manifestam os valores inerentes às próprias EIs. O artigo definido apresenta

informações conhecidas da experiência humana, pressupõe a existência de um saber comum, partilhado pelos intervenientes da comunicação. Ora, as expressões também ilustram esse saber comum, partilhado, o saber de um povo.

O artigo indefinido aparece muito raramente nas duas línguas, bem como o quantificador indefinido. O quantificador numeral (unicidade) tem uma fraca expressão e o mesmo acontece com os outros quantificadores que ilustram valores simbólicos.

O uso do possessivo é bem mais importante em francês (11%) do que em português (1%).

O valor genérico da EI está associado à sua própria definição, um signo polilexical com um sentido próprio, que não corresponde aos traços semânticos dos seus constituintes enquanto elementos autónomos, mas a um novo valor semântico.

O estudo da determinação pretende enquadrar-se numa reflexão mais geral do estudo da idiomatidade. Interessa-nos, mais especificamente, pensar o papel da determinação na categorização das expressões idiomáticas. Para isso, um estudo sistemático e rigoroso das proposições (das relações entre nominais e determinantes) torna-se necessária.

A análise aqui apresentada resume-se aos determinantes associados às partes do corpo e as observações só são válidas para esse conjunto de EIs.

As EIs oferecem-nos informações sobre o indivíduo, os seus sentimentos, as suas emoções, a maneira como traduz as suas actividades ou acontecimentos ou os de outrem. Correspondem a maneiras metafóricas de "dizer" o mundo, de exprimir a relação que o sujeito estabelece com o mundo. Apreender as metáforas e os conceitos subjacentes a esta linguagem é apreender os mecanismos implícitos, os que estão na origem da sua elaboração, e que se encontram para lá dos lexemas e da referencialidade.

NOTAS:

1. Ao lado das regularidades existe um número importante de excepções e de casos particulares que não se enquadra nas generalizações. Por outro lado, existe frequentemente um desfazimento entre as generalizações teóricas propostas pelas gramáticas e a actualização do determinante no discurso.

2. Veja-se, por exemplo, as noções de *definido* e de *indefinido*. O uso de um artigo definido ou indefinido não pressupõe obrigatoriamente uma descrição definida ou indefinida. Isto acontece porque na actualização em discurso intervêm outros factores (de ordem proposicional e contextual) que complementam os valores da determinação.

3. Os elementos de determinação não podem ser analisados individualmente e fora de contexto, pois estão ligados aos nominais e vice-versa. Como Mateus et al. (1989, p. 60) sugerem, para que os nominais "designem (...) um determinado referente, é necessário que sobre eles actuem OPERAÇÕES DE DETERMINAÇÃO".

4. Cf. a teoria de Wilmet (1986) e Karolak (1989). Segundo os autores, o funcionamento da determinação não pode ser desligado do estudo das predicções. Assim, na perspectiva da teoria intensional do determinante, o estudo das predicções deverá preceder a determinação.

5. Grevisse (1980), p. 947.

6. Cf. p. 215.

7. Trabalho de doutoramento em curso - *Lexicalização e idiomaticidade: para um modelo teórico de um dicionário bilingue de expressões idiomáticas*.
8. Cf. algumas gramáticas das duas línguas.
9. As observações só são válidas para o corpus seleccionado.
10. Esta expressão só seria aceitável se se imaginasse uma situação de esquartejamento do corpo e sem o complemento do nome (um braço no meio de outros braços - um braço direito (indefinido) em relação a um outro braço que é esquerdo (indefinido). O uso do indefinido é interdito pelo próprio contexto que é definido e pela referência ontológica ao corpo humano.
11. Falar de omissão de determinante não pressupõe um desvio em relação à norma, mas a existência de um determinante zero, não preenchido, com o seu valor próprio. Cada língua apresenta a sua especificidade. No entanto, existem também casos de ausência de determinante em certas expressões que se afastam da norma (*crier famine, crier misère*).
12. Alguns dos SNs escolhidos neste ponto não referem partes do corpo. Isto justifica-se pelo número reduzido de Els com determinante zero ligado às partes do corpo.
13. Curat (1982) fala-nos da caracter ambíguo do artigo zero "L'article zéro devant le substantif d'une locution verbale livre parfois la double impression paradoxale que ce substantif prend à la fois un caractère abstrait et un caractère momentané, concret", p. 102.
14. Cf. pp 115 e 116.
15. Cf. o artigo "Le générique: un massif?", *Langages*, 94.
16. Cf. fazer cabelos brancos a alguém / fazer [alguns/muitos] cabelos brancos a alguém.
17. Quando ligado às partes do corpo, a escolha do determinante é condicionada pelo corpo enquanto todo, isto é o seu referente ontológico.
18. Cf. p. 273.
19. Veja-se Gross (1988). O autor defende que as frases fixas são dependentes de uma sintaxe normal e que o tratamento sintáctico das Els demonstra a existência dos mesmos critérios de análise.

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Celso e Luís Lindley Cintra (1984): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Ed. João Sá da Costa.
- CURAT, Hervé (1982): *Les locutions françaises en français moderne*. Québec, PUL.
- DUBOIS, Danièle (1993): *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*. Paris, CNRS.
- DUNETON, Claude (1990): *Le Bouquet des expressions imagées*. Paris, Seuil.
- FRASER, Bruce (1970): "Idioms within a Transformational Grammar", *Foundations of Language*, 6.
- GALISSON, Robert (1984): *Dictionnaire des expressions imagées*. Paris, CLE International.
- GIBBS, R. e G. Gonzales, (1985): "Syntactic Frozenness in Processing and Remembering Idioms", *Cognition*, 20.
- GRECIANO, Gertrud (1983): *Signification et dénotation en allemand: la sémantique des expressions idiomatiques*. Metz, Centre d'Analyse Syntaxique, Faculté des Lettres et Sciences Humaines.

- GREIMAS, A. J. (1986, 2ª edição): *Sémantique structurale*. Paris, PUF.
- GREVISSE, Maurice (1980): *Le Bon Usage* (edição revista). Paris, Duculot.
- GROSS, Gaston (1989): *Les constructions converses du français*. Genève, Droz.
- GROSS, Maurice (1982): "Une classification des phrases figées du français", *Actes du Colloque de Rennes*. Amsterdão, Benjamin.
- GRUNING, Blanche (1990): *Les mots de la publicité*. Paris, Presses du CNRS.
- GUIRAUD, Pierre (1961): *Les locutions françaises*. Paris, PUF.
- JORGE, G. e S. Jorge (1997): *Dar à língua, da comunicação às expressões idiomáticas*. Lisboa, Edições Cosmos.
- KAROLAK, Stanislaw (1989): *L'article et la valeur du Syntagme nominal*. Paris, PUF.
- KLEIBER, Georges (1989): "Le générique: un massif?", *Langages. Détermination, énonciation, référence*, nº 94.
- LAKOFF, G. e M. Johnson, (1980): *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris, Bordas.
- LAFLEUR, Bruno (1984): *Dictionnaire des expressions*. Paris, Bordas.
- LATTEY, Elsa (1986): "Pragmatic Classification of idioms as an Aid for the Language Learner", *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 24/3.
- MATEUS, M. Helena et al. (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho.
- REY, Alain (1980): *La Lexicologie*. Paris, Klincksieck.
- SWINNEY, David e Anne Cutler (1979): "The Access and Processing of Idiomatic Expressions", *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 18.
- WILMET, Marc (1983): "Les déterminants du nom en français. Essai de synthèse", *Langue Française*, pp. 15-33.
- WILMET, Marc (1986): *La détermination nominale*. Paris, PUF.